

Chapéu de Coco
O chapéu mais icónico do cinema mudo é usado por The Tramp, a personagem mais conhecida e amada de Charlie Chaplin. De copa redonda e resistente e com uma aba revirada nas laterais, o chapéu de coco é associado aos *City Gents* do século XX, uma figura estereotipada da classe financeira que usava fato escuro, *bowler hat* e um guarda-chuva enrolado. Esta moda britânica esmoreceu nos anos 1980, mais de um século depois da encomenda original deste modelo à casa Lock & Co. de Thomas e William Bowler. O objetivo era substituir a cartola usada para proteger a cabeça dos cavaleiros do palacete Holkham Hall em Norfolk, Inglaterra, uma vez que era constantemente derrubada pelo embate com os ramos mais baixos das árvores.

OFÍCIOS

Louco como um chapeleiro!

Em tempos idos, intoxicados pelo uso de mercúrio, muitos chapeleiros sofriam de demência. Hoje, a loucura *foi transferida para as suas criações e é cada vez mais aplaudida. Partimos em reportagem para o comprovar. Visitamos duas chapelarias em Lisboa. Relembramos os modelos mais icónicos. E, pelo caminho, descobrimos charme «de se tirar o chapéu».*

TEXTO **SASKIA LOJA**
FOTOGRAFIAS **HERBERTO SMITH**



Sherlock Holmes
«Elementar, meu caro Watson.» Este modelo é associado ao detetive Sherlock Holmes, criação ficcional de Sir Arthur Conan Doyle, mas não se trata de um chapéu de investigação. É um chapéu de caça designado *Deerstalker*, muito usado nas zonas rurais britânicas, e, tal como o nome indica, especialmente indicado para a caça ao veado. Feito em seis painéis triangulares de *tweed* de lã grossa, tem duas palas e, de cada lado, uma aba que cai sobre a orelha e pode ser atada em cima.



Cartola
Há quem tire coelhos de lá de dentro, outros usam-no pela sua associação às famílias reais e à aristocracia. Símbolo da Bolsa de Valores e adereço preferido do Tio Sam, é um chapéu de copa alta e achatada, com aba larga ligeiramente revirada. Foi muito usada entre os século XVIII e XX, mas hoje é reservada a eventos muito particulares. Faz parte da farda de alguns dos melhores colégios do mundo e deve ser utilizada com fraque ou fato de laço branco. Winston Churchill era um grande apreciador deste modelo, hoje quase tão icónico como em risco de extinção.



Fedora
Chapéu, laço e gabardina. Eis Fernando Pessoa. O poeta usava um Fedora, modelo de aba larga e copa alta com reentrâncias, desenhado por Giuseppe Borsalino. A aba pode ser toda nivelada ou com a frente para baixo, enquanto a zona da nuca se usa levantada. No início, era um modelo feminino, mas o seu uso generalizou-se entre os homens. Esta emancipação deveu-se ao rei Eduardo VIII do Reino Unido. A popularidade deste modelo também está associada a Humphrey Bogart, Indiana Jones ou Frank Sinatra, bem como aos mafiosos da sétima arte.



Homburg
Este chapéu de feltro é uma variante mais rígida do Trilby (um Fedora de aba curta) e tem um entalhe longitudinal caraterístico e a aba revirada com a borda forrada. Mais uma vez, pode agradecer-se a sua fama ao rei Eduardo VIII, que o usava em visitas à cidade alemã de Bad Homburg. Depressa o Homburg se tornou um chapéu da classe média e, mais tarde, um modelo forreta e datado. Por isso, quando Anthony Eden, primeiro-ministro britânico, o adotou, a escolha foi considerada arrojada para uma figura tão elegante e influente. O Homburg (entretanto conhecido como «o Anthony Eden»), caiu em desuso, até que John F. Kennedy o recuperou. Winston Churchill foi mais um dos seus devotos famosos.



Stetson
Se gosta de *westerns*, sonhou com certeza usar um chapéu destes. Facilmente identificado como «o chapéu do *cowboy*», o Stetson tem uma copa alta e vincada e uma aba bastante larga. Eram originalmente produzidos na fábrica homónima localizada no Pennsylvania, nos EUA e hoje existem fábricas no Texas e no Missouri. Um dos chapéus mais marcantes da Stetson era o Boss of the Plains, idealizado para que fosse durável, resistente à água e elegante. Com a popularidade dos modelos criados por John B. Stetson, o termo acabou por englobar todos os chapéus de cavaleiro do faroeste, mas a Stetson manteve-se como referência na chapelaria até aos dias de hoje, tendo celebrado o 150º aniversário em 2015.



Chapéu Austríaco
Não há chapéu mais austríaco do que o Franz Bittner. Mas, descanse, não é necessário praticar o tirolês para poder usá-lo. Tem uma aba larga, uma copa alta e dentada e, por tradição, é feito de feltro verde. Possui, em torno da copa, uma banda (fita ou fio de gorgorão torcido ou entrançado) e um penacho decorativo. Pode também ser adornado com um «pincel» (feito a partir da cauda de uma cabra alpina). A Franz Bittner, fundada em 1862 , é uma das chapelarias tradicionais mais antigas. A direção está a cargo da quinta geração e diariamente são produzidos 150 chapéus, a maioria para exportação. E sim, Eduardo VIII também tinha um fraquinho por estes chapéus.

(Todos estes modelos estão à venda na Chapelaria d'Aquino)



Joana Marrecas Couture Millinery Design

Ao entrarmos na oficina de Joana Marrecas, é como se atravessássemos o tempo até à tela impressionista *The Millenery Shop* (1884-90, óleo sobre tela, The Art Institute of Chicago). Nos seus esboços iniciais, Edgar Degas terá planeado retratar uma cliente a experimentar um chapéu. Mas, num período em que a manufatura e o artesanato se tornavam obsoletos à mercê da industrialização, o pintor quis antes prestar um tributo à arte da chapelaria e optou por colocar outra protagonista na pintura: a artesã. *Fast forward* para Portugal em 2016: a chapelaria de Joana Marrecas está viva e de boa saúde.

A artista tem uma abordagem de alta-costura, ou seja, não cria dois chapéus iguais. O preço de cada peça é determinado pela dimensão, materiais utilizados e tempo de trabalho despendido. Para já, Joana Marrecas apenas produz artigos femininos, mas não exclui a hipótese de se estrear em breve no sector masculino. A inspiração vem-lhe sobretudo da observação da natureza, fauna e flora, e das Belas-Artes. Passa várias horas a pesquisar em plataformas e redes sociais especializadas, principalmente de fotografia. O processo, diz, é orgânico, as ideias fluem. Como trabalha em mais do que um chapéu de cada vez (para não cansar as mãos e os olhos; as técnicas são repetitivas e minuciosas), os rumos de cada peça entrecruzam-se e o resultado é sempre diferente da ideia inicial. Os materiais são difíceis de encontrar e obrigam-na a viajar frequentemente para Itália e França, para comprar, por exemplo, produtos-base como a palha ou o feltro.



Porque é que um chapéu havia de meter medo?

Antoine Saint-Exupéry, *O Principezinho*

Foi em Londres que Joana Marrecas estudou *millinery* (manufatura de chapéus), apurando o que antes era apenas um *hobby* na sua vida. A primeira criação, oferecida a uma amiga, foi um chapéu pequeno de palha bege, adornado com flores de palha torcida. Hoje, as clientes que a procuram são tanto portuguesas como estrangeiras e usam estes acessórios em casamentos, batizados, aniversários, *cocktails*, galas ou jantares especiais. «Já não há regras! Pode usar-se chapéu em qualquer ocasião, seja qual for o seu formato. Basta ter uma postura que o torne digno do momento», defende a artista. Tem autorização expressa, por exemplo, para arriscar num chapéu de aba larga para um *cocktail* ou num toucado para uma gala. O que interessa é a atitude. As suas criações até já estiveram num evento da família Real do Mónaco e na Royal Enclosure das corridas de Ascot (sim, chapéu que é chapéu já esteve em Ascot!).

Neste momento, Joana Marrecas está a preparar um toucado preto, encomendado para ser usado num almoço. A criação de cada peça é demorada, feita com base na tentativa e erro. Aqui, não há máquinas de costura: faz-se tudo à mão. Neste caso, já dá para vislumbrar o resultado final, apesar de este chapéu ainda não ser mais do que uma aba e uma copa, presas com alfinetes. Falta unir as duas partes (feitas em moldes de madeira maciça diferentes), colar a entretela, forrar, limpar, decorar e, ainda, adaptar à futura (feliz) proprietária. Em simultâneo, Joana encurta a aba de um Fedora vermelho.

O fascínio começou em criança. Nada como experimentar os chapéus da avó, com aba, com véu, com renda… Hoje, a artista faz questão de receber pessoalmente cada cliente no seu espaço repleto de chapéus: «É um processo de descoberta, pois já não é muito habitual usar este acessório no dia-a-dia.» Algumas clientes descobrem logo a peça que mais cobiçam, outras regressam uma e outra vez até encontrarem o parceiro perfeito para o evento em questão. Todas começam por perguntar: «O que sugere?» Joana Marrecas recusa-se a responder e incentiva-as a experimentarem os modelos que mais lhes agradarem. O conselho da chapeleira é só um: traga o vestido que quer usar e venha também com as suas filhas ou amigas: «Assim, garantimos uma tarde bem mais divertida!» O melhor é mesmo deixar o chapéu destacar-se e fazer a escolha a partir daí. Se não é todos os dias que se exibe uma peça destas, então, que tenha o devido prestígio, bem no topo da cabeça, como acessório dominante que merece ser. *Chapeau!*



© DR

A expressão coloquial «Mad as a hatter!» (louco como um chapeleiro) terá nascido em Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX. Então, o mercúrio era a substância com que se estabilizava o pelo usado na produção e moldagem do feltro para chapéus. Durante este processo de manipulação, vestígios daquele metal iam sendo absorvidos pelos organismos dos artífices. A alguns deles, passou a dar-se o nome de «Chapeleiros Loucos». Os sintomas da doença do mercúrio incluíam tremores, demência, delírios, amnésia, confabulações, irritabilidade, timidez patológica, intensa vermelhidão (nas bochechas e nos dedos das mãos e dos pés) e, a longo prazo, danos neurológicos e renais. Quando, em 1860, se deu um crescimento exponencial da indústria chapeleira em Nova Jérsia, nos EUA, os casos de envenenamento por mercúrio atingiam pelo menos um quarto dos trabalhadores. Os anos passaram. Em 1934, o Serviço de Saúde Pública americano estimava que 80% dos chapeleiros sofressem de tremores nos dedos, mãos, pálpebras e língua e, em casos mais graves, de fortes espasmos nos braços e pernas. Ainda assim, o recurso ao mercúrio para manipulação do feltro nunca foi considerado um perigo para a saúde. Ironicamente, foi necessário um conflito mundial para que se extinguisse esta prática: os recursos de mercúrio foram canalizados para a Segunda Guerra e, na indústria dos chapéus, substituídos por peróxido de hidrogénio.



Chapelaria d'Aquino

Bisneta de peixe sabe nadar. É o caso de Rita Rua. O apelido não é coincidência, ela é mesmo descendente de Manuel de Azevedo Rua, fundador da centenária chapelaria homónima, ao Rossio. Rita seguiu as pisadas da família, mas decidiu criar a sua marca própria, a Chapelaria d'Aquino, em parceria com os irmãos Ana e Nuno Silva, da Chapelaria Lord (Grupo Godiva). Hoje, em passo lento por entre os expositores, enumera e descreve com sabedoria os vários modelos de chapéus. Com a devida habilidade «genética», analisa abas e copas.

A loja cumpre os requisitos clássicos da baixa pombalina, no entanto combina-os com uma interpretação mais atual. A maioria dos artigos são portugueses, mas, na verdade, o país de origem da produção não costuma pesar na decisão dos clientes. Também não existem regras quanto ao modelo preferido, já que até o intemporal boné pode ser reinventado. Aliás, acaba de entrar na loja um senhor em busca de um exemplar «mais moderno»; sairá com um modelo em *patchwork*. A idade é indiferente, o que importa é a atitude com que se usa este adereço. «É frequente as pessoas me dizerem que têm vergonha de usar chapéu na rua. A verdade é que, se estivermos descontraídos, ninguém repara. O que sobressai, isso sim, é o desconforto, se o sentimos.» Segundo Rita, um chapéu é um acessório como outro qualquer.

No inverno, a maioria dos clientes da Chapelaria d'Aquino é portuguesa. Parece que o frio desinibe a busca por um chapéu. No verão, os clientes são quase só estrangeiros. Rita Rua defende que a elegância de um chapéu na cabeça é imperdível, qualquer que seja a estação do ano. Pessoalmente, prefere cortes mais masculinos, contrastantes com as suas feições, como o Fedora ou o Trilby (semelhante ao anterior, mas com a aba mais curta). Está habituada a aconselhar os clientes quanto ao modelo mais adequado. Para tal, tem em atenção o formato do rosto (mais oval ou mais largo) e até mesmo a estrutura física da pessoa em questão: mais alta, mais baixa, mais ou menos magra. No caso de um rosto longo, desaconselha um chapéu com uma copa muito alta. Quando a estrutura do rosto é larga, é necessária uma aba mais ampla para equilibrar as feições. Em todos os casos, não há como experimentar. Os chapéus estão todos à disposição e os clientes são convidados a «desarrumar» a loja. Até a decoração do espaço pode servir de inspiração: sobre o balcão, pendem três «chapéus-*abat-jours*».

A Chapelaria d'Aquino também encomenda a fábricas internacionais, por exemplo, os chapéus Stetson e Franz Bittner ou os Panamás originais. Mas recorre sobretudo aos produtores nacionais, cuja qualidade elogia, principalmente os de São João da Madeira, onde se encontra o melhor feltro. Hoje em dia, tal como sucede com a maioria dos artigos desde a generalização do *pret-à-porter*, os chapéus já não são feitos à medida. Na escolha de um chapéu ainda se tem em conta o perímetro da cabeça; antigamente, até se analisava o formato da mesma. Tivesse o cliente a sorte (ou o azar) de ter, quiçá, uma testa mais proeminente: o assunto estaria resolvido! Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mas na Chapelaria d'Aquino não faltam os memoráveis instrumentos de medição e manipulação de chapéus, documentando uma proposta saudosista, mas nem por isso antiquada. Chapéus? Há muitos, não seja palerma!



LISTA DE PECADOR
MÁRIO ZAMBUJAL

A ganância

Ora aí está um pecado capital que costuma envolver capital.

A lista dos pecados é como o rol de infrações ao código da estrada, há umas mais graves e perigosas do que outras. Pecados como a preguiça ou a gula, tomando-se esta no sentido único de excesso alimentar (isto é, do glutão ou garganeiro) serão como o viajar sem apertar o cinto ou não ter pago o imposto de circulação. Veja-se a diferença: tratando-se de prevaricações, não prejudicam ou ameaçam outrem (confesso a minha simpatia pelo vocábulo outrem, atualmente só utilizado quando a conversa envolve trabalho por conta de outrem. Outrem é toda a gente à exceção do próprio e em linguagem religiosa significa o próximo. Na estrada ou em qualquer via de comunicação, o mais próximo é quem se arrisca a sofrer as consequências dos erros praticados por qualquer condutor/pecador, nesse caso, outrem).

Forçando um pouco a nota, pode colocar-se a velocidade obsessiva para ultrapassar tudo e todos como um exemplo de ganância. Todavia, a regra geral quando falamos de um ganancioso é apontar o dedo a alguém insaciável por teres e haveres. Nesta interpretação coincidem o preceito religioso e o julgamento do cidadão comum, um e outro reprovadores da ganância. E bem. Para dar largas à sua ganância, o pecador não olha a meios e com frequência invade a área desse outro pecado, ausente da lista mas obrigatório nas leis terrenas: a golpada. A palavra é suficientemente clara e sonora para distinguir entre o pequeno truque visando mínimos ganhos e a artimanha montada para se deitar a mão a benefícios desmesurados e fraudulentos.

Ao fim e ao cabo, como acontece com a maioria dos pecadores, o ganancioso é vítima de si mesmo. Por natureza insatisfeito, viverá sempre ansioso por galgar degraus e nunca se dará por contente. Maior será a ansiedade quando a avidez o leva a torpedear leis e direitos de outrem (cá está) e sente o perigo de ser apanhado. Tomba na angústia e na infelicidade como resultado da ganância.

Importante é não confundir ganância com ambição, saudável sentimento gerador de esforço para alcançar metas não limitadas a ter mais isto ou aquilo. Passamos então aos domínios do ser e não é pecadora a vontade de ser melhor do que se é. Pelo contrário. Excepto quando se confunde ser com parecer, pecado vulgar da também cómica espécie humana.